

DIÁRIO DA CORA DE NIEFERN



Fotos de Cora Rónai

Retrato de uma outra Alemanha

A Copa é, indiscutivelmente, o tema dominante dos grandes centros e do comércio como um todo, cheio de promoções em torno da bola. Mas o entusiasmo do país a respeito da Fußball-Weltmeisterschaft é relativo: para quem chega a Karlsruhe, por exemplo, cidade de 280 mil habitantes perto de Mannheim e Stuttgart, no Sul do país, a sensação é a de ter chegado a outro planeta, completamente desconectado da comoção do esporte. Sei disso porque passei por lá a caminho de Niefern, cidadezinha de 12 mil habitantes — mais desligada ainda do futebol do que Karlsruhe. Fui até lá visitar Monica Reissenweber, brasileira bonita, miudinha e batalhadora de 37 anos, casada há 17 com Jan, alto e simpático, natural da região. O casal tem quatro filhos: David, de 15, Gabriel, de 13, Janna, de 7, e Paulo, de 3. Conheci Monica através do blog, que lê praticamente desde o começo, em 2001; com o tempo ficamos amigas de verdade, assim como ela ficou amiga também de vários outros leitores — a tal ponto que, ao saber que eu vinha para a Alemanha, fizeram questão de mandar beijos e lembrancinhas para ela.

Pois Monica me explicou que, há cerca de dois anos, começou a ser montado um grande espetáculo para a abertura da Copa. Voluntários de todos os clubes locais, sobretudo crianças, se empenharam para ensaiar as coreografias e dar forma ao sonho. Mas eis que, há dois meses, Beckenbauer, presidente do Comitê Organizador da WM, riscou a abertura do programa, sob a alegação de que estragaria o gramado. Foi uma ducha de água fria. O público alemão, que já está se sentindo excluído pelas dificuldades de conseguir ingressos, sentiu-se traído com a decisão: afinal, poderiam ter sido postos protetores sobre a grama ou criado um palco, enfim — qualquer coisa, menos alienar a população de um evento desta magnitude.



VISTA TÍPICA da região: no meio de um bosque, um antigo pavilhão de caça transformado em restaurante e cervejaria. Andar pela floresta é um dos hábitos locais favoritos

OS REISSENWEBER:

Paulinho, D. Justina (mãe de Monica, em visita), Janna, Monica e Gabriel; em pé, Jan e David. Uma família meio alemã, meio brasileira e 100% simpática, que se materializou finalmente depois de anos de papo no blog

Monica e Jan têm uma sapataria em Niefern. São representantes da Bierkenstock e, ultimamente, têm sido sondados pela empresa para trabalhar com o mercado brasileiro, inundado de cópias. A burocracia e a falta de contatos os desanimam; mas fazem negócios com o mundo todo a partir da sala de casa. É que abriram também uma lojinha virtual no e-Bay, o site de leilões americano, e trabalham numa verdadeira linha de montagem com os filhos: Jan recebe os pedidos no computador, Monica separa as sandálias, David e Gabriel fazem os pacotes e preenchem as etiquetas de postagem. Janna já quer ajudar e Paulinho acaba, invariavelmente, adormecendo entre as caixas, enquanto seus pais e irmãos trabalham.

Para mim, foi uma experiência comovente encontrar na vida real estes amigos queridos e valorosos que ainda não conhecia, e ver a união da família em torno do trabalho.

O que o amor uniu, nem o futebol separa



Casais driblam conflitos e aprendem a conviver com a paixão pelo esporte

Jorge William

Ivo Gonzalez

Mirelle de França e Sanny Bertoldo

Para os apaixonados, não tem data mais esperada do que o Dia dos Namorados.

Hoje tem desculpa para ficar juntinho, pegar um cineminha, jantar à luz de velas e...só. Hein? Como amanhã é a estréia do Brasil na Copa do Mundo, é bem provável que a noite termine sem direito a prorrogação, tamanha a ansiedade do parceiro. Mas, enquanto algumas mulheres enlouquecem diante dessa possibilidade, outras apostam no ditado: já que não se pode vencê-los, junte-se a eles!

— As mulheres devem lembrar que o Dia dos Namorados acontece todo ano. Já a Copa, é de quatro em quatro — diz o jornalista Renato Mendes, depois de avisar à "patroa" que a comemoração será em frente à TV, assistindo a alguma mesa-redonda.

Namorada dormiu na decisão de 2002

A designer Carolina Albuquerque, há 12 anos com o rubro-negro Rafael Brandão, conta que gosta e entende de futebol. Para ela, esse é um jeito de aproximar o casal:

— Não sei se ele fica mais feliz por eu gostar de futebol, mas, sem dúvida, temos mais assunto do que os casais em que a mulher odeia o esporte.

O marido conta que Carolina, que é tricolor, já deu várias provas de amor, inclusive indo ao Maracanã torcer pelo Flamengo:

— Ela entende, discute comigo e isso é ótimo. É diferente de algumas mulheres que ficam chateadas quando surge o assunto futebol. A estudante de publicidade



PEDRO E TAINÁ rodeados por camisas de times. Ela aprendeu as regras e ele, a ter paciência; Wal e Fábio, já na Alemanha: compreensão

Tainá Garcia, de 22 anos, e o advogado Pedro Calmon, de 26, chegaram a um acordo: ela aprende as regras e ele, a ter paciência com a namorada.

— Não sou fanática, mas sou flamenguista. Depois que começamos a namorar, fomos aos dois últimos jogos do Flamengo. No último, aprendi o que era impedimento. Nunca tinha entendido, mas ele me ensinou de uma forma que entendi. Conheço todas as outras regras, só faltava essa — conta Tainá.

A estudante diz, ainda, que Pedro consegue viver sem futebol. Segundo ela, o esporte não está em primeiro plano. Mas o namorado a interrompe imediatamente.

— Isso depende do jogo. Se for uma final do meu ti-

me, nunca. Aí, não saio por nada — diz Pedro.

O músico Pedro Santos, louco por futebol, acha que o desempenho da namorada, Cristina de Moraes, melhorou desde a última Copa:

— Fica complicado na Copa do Mundo, porque são três jogos por dia. Mas é curioso ver como ela está se comportando. Está se esforçando para compreender, porque sabe o quanto eu gosto de futebol — ressalta, lembrando que Cristina dormiu na conquista do pentacampeonato, enquanto o país inteiro torcia pelo Brasil. — Até achei original, mas desta vez, se o Brasil chegar à final, eu não a deixo dormir, não.

Cristina, que é dona de livraria, confirma que está se esforçando desta vez:

— Este ano, até num bolão eu entrei por causa dele. Não há como conviver com uma pessoa que transpira futebol o tempo inteiro e não participar. Mas, agora, vai ser diferente. Sei praticamente escalar a nossa seleção e também passei a ver resenhas e mesas-redondas.

Revistas durante os jogos na Alemanha

Resignada, Cristina explica que o amor pelo namorado justifica todos esses atos:

— Enfim, ele ama aquilo e eu o amo. Preciso viver esses momentos com ele. No Dia dos Namorados vou dar um livro do João Saldanha e uma camisa do Brasil estilizada. Ah, tinha que ter um toque feminino meu, né?

Estudante, Wal Theophilo não sabe e não quer nem saber de futebol. Mas quando o marido falou que iria embarcar para a Alemanha, ela não pensou duas vezes e foi junto, embora não faça idéia do que a espera:

— Só sei que não serão jogos do Brasil, porque não conseguimos ingressos. Levo revistas e fico lendo. Às vezes, saio do estádio sem saber quem ganhou a partida.

Fábio Theophilo, o marido, já se conformou e nem liga mais. Aficionado por futebol, ele garante que encara numa boa o desprezo da mulher pelo esporte.

— Não tenho problema nenhum. Às vezes, acho até engraçado o jeito dela — conta Fábio, já na Alemanha. ■

“ Não serão jogos do Brasil, porque não conseguimos ingressos. Levo revistas e fico lendo. Às vezes, saio do estádio sem saber quem ganhou

“ Até num bolão eu entrei por causa dele. Não há como conviver com uma pessoa que transpira futebol o tempo inteiro e não participar

WAL THEOPHILO

CRISTINA DE MORAIS

